



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 28/02/2020

GLOBAL	2
Rabobank: coronavirus afecta la demanda de carnes de China y el comercio mundial.....	2
Rabobank: escenario del mercado en el inicio de 2020.....	2
CHINA	3
Demanda de carnes podría recién normalizarse en el tercer trimestre de 2020.....	3
Bajó el precio de la carne de cerdo en China.....	5
Consultora midió el impacto del coronavirus sobre las pautas de consumo.....	5
BRASIL	6
Mercado paralizado luego del Carnaval.....	6
CEPEA: suba de precios de la hacienda en febrero por menor oferta.....	7
Buenas perspectivas para los embarques de febrero pese a CHINA.....	7
EEUU REABRE MERCADO PARA LA CARNE BRASILEÑA.....	7
<i>Prevén mejora de las exportaciones brasileñas luego del anuncio.....</i>	8
<i>US to lift ban on Brazilian beef imports.....</i>	8
<i>JBS tendrá once plantas habilitadas.....</i>	9
<i>Minerva tendrá cinco establecimientos em Brasil.....</i>	10
<i>Mato Grosso do Sul tiene cuatro establecimientos habilitados.....</i>	10
Récord histórico de producción de carne vacuna en Brasil en 2020 según el USDA.....	11
Estados del sur pueden formar el primer bloque libre de fiebre aftosa sin vacunación.....	11
Rio Grande do Sul autorizado a anticipar vacunación contra AFTOSA.....	11
URUGUAY	12
Ventas de carne vacuna a China caen casi 40% interanual.....	12
Faltan cobrar US\$ 200 millones por carne en China.....	12
INAC: China volverá a comprar carne porque no le alcanza.....	13
Facturación de ganadería de carne récord en 2019.....	13
Avanza la vacunación contra la aftosa de todo el rodeo.....	14
UNIÓN EUROPEA	14
Comisión Europea constata deficiencias en los mataderos de POLONIA.....	14
ESTADOS UNIDOS	15
CHINA levantó inhabilitación sobre carnes bovinas.....	15
Bajas en las cotizaciones a futuro de la hacienda.....	16
La industria cárnica de EE.UU. y la de Reino Unido firman un memorando de entendimiento.....	16
VARIOS	17
BOTSWANA Negocian apertura de nuevos mercados.....	17
EMPRESARIAS	17
Marfrig analiza ingresar a la bolsa em EE.UU.....	17
Beyond Meat registró importante aumento en sus ingresos.....	18
Cargill lanzará productos a base de vegetales en EE.UU.....	18



GLOBAL

Rabobank: coronavirus afecta la demanda de carnes de China y el comercio mundial

27 de febrero de 2020 Los brotes de coronavirus han tenido un impacto repentino e inesperado en la economía de China. El mercado de proteínas animales se ve afectado en todos los frentes: producción, distribución, consumo y comercio.

Según el análisis del banco holandés Rabobank, la carne vacuna, ovina y los mariscos son las proteínas más afectadas por el cierre de los restaurantes. Esto se debe a que el consumo depende en gran medida de comer fuera de casa. Si bien se espera que las cadenas de comida rápida vuelvan gradualmente a la normalidad en marzo, los demás restaurantes permanecerán cerrados o con operaciones limitadas. Incluso si los restaurantes se recuperan fuertemente en el segundo semestre la pérdida de consumo del primer semestre será difícil de compensar.

"Además son proteínas caras, cuya asequibilidad podría verse afectada por la desaceleración de la economía y el crecimiento más lento de los ingresos", explica el informe.

Según Rabobank, la carne de cerdo es la menos afectada de las proteínas, ya que el consumo puede cambiar rápidamente de comer afuera a cocinar en casa. Aun así, la demanda ha disminuido en el primer trimestre, debido al cierre de muchas tiendas minoristas y la menor frecuencia de compras. Además de esto, la baja oferta y los altos precios causados por la peste porcina africana siguen siendo una razón más importante para la débil demanda.

El banco holandés estima que la producción de carne de cerdo disminuirá en un 15% -20% en 2020, en gran parte debido a los efectos de la PPA, pero el tamaño del rodeo puede comenzar a recuperarse en el segundo semestre. Dada la considerable escasez de oferta, se espera que los precios del cerdo aumenten aún más en 2020, aunque estarán sujetos a las medidas tomadas por el gobierno, como las liberaciones de la reserva estatal.

La producción de ganado vacuno no se ha visto tan afectada por coronavirus, aunque puede disminuir debido a la disminución de la demanda.

Rabobank: escenario del mercado en el inicio de 2020

Fonte: Rabobank, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint. This post was last modified on 27 de fevereiro de 2020

Com o início de mais um ano, estamos enfrentando novamente uma grande perturbação para um dos maiores importadores de carne bovina do mundo, a China. Em sua publicação trimestral, o Rabobank analisou o impacto do coronavírus e outros fatores que influenciarão a demanda dos principais importadores de carne bovina em 2020. Confira abaixo o sumário do relatório e as observações sobre o mercado brasileiro.

Coronavírus

O surto de coronavírus na China teve um grande impacto no serviço e comércio de alimentos. Com o serviço de alimentos como o principal canal de vendas, espera-se que a carne sinta o impacto mais do que outros.

As indicações do surto de SARS de 2003 sugerem que, uma vez contido o vírus, as vendas e o comércio devem se recuperar rapidamente. No entanto, o prazo para o controle permanece incerto.

Negócios comerciais dos EUA

Houve progresso na Acordo Estados Unidos-México-Canadá (USMCA) e o acordo comercial Japão/EUA foi aprovado em dezembro. Estes foram seguidos de perto pela assinatura do primeiro acordo comercial EUA-China em janeiro. Embora permaneçam dúvidas sobre os detalhes do acordo EUA-China, agora existe a preocupação de que o coronavírus adie as compras chinesas de commodities dos EUA.

Brexit

O Reino Unido deixou oficialmente a União Europeia (UE) em 31 de janeiro de 2020, iniciando um período de transição que durará até 1 de janeiro de 2021. O Rabobank espera que o impacto na indústria de carne bovina seja limitado nesse período, já que o Reino Unido continua sendo um membro do mercado único da UE. No entanto, permite que exportadores globais de carne bovina, como EUA, Brasil, Argentina, Uruguai, Austrália e Nova Zelândia, negociem novos acordos comerciais com o Reino Unido.

Novos impostos de exportação na Argentina

Novas medidas fiscais destinadas a reduzir a taxa de inflação e aliviar a pobreza foram anunciadas pelo governo argentino no início de dezembro. Foram determinados impostos sobre uma série de exportações agrícolas, incluindo um aumento da tarifa de carne bovina de 7% para 9%.

Índice de Preços do Gado Rabobank em Sete Nações

Após um grande salto no Índice Rabobank das Sete Nações no final de 2019, impulsionado pelos aumentos na maioria dos países – principalmente EUA e Brasil, os preços diminuíram em janeiro, com o Brasil e a Nova Zelândia experimentando grandes quedas nos preços do gado.



Importações da China

Para os quatro maiores países importadores de carne bovina, 2019 foi um ano sólido, diferenciado pelo crescimento extraordinário do maior importador, a China. Embora a maioria tenha experimentado uma ligeira queda no crescimento econômico, todos viram aumentos nos volumes importados, variando de 1% nos EUA e no Japão a um crescimento de 60% na China.

O Rabobank espera que 2020 seja outro ano estável para o Japão, EUA e Coreia do Sul, mas a logística, a atividade do consumidor e as economias em desaceleração devem afetar a demanda de importação da China no primeiro semestre, antes de se recuperar no segundo semestre de 2020.

Brasil: um momento de reequilíbrio

Após um ano marcado por exportações e preços recordes, o mercado brasileiro de carne bovina passa por um momento de reequilíbrio da oferta e da demanda. Os níveis de preços sem precedentes registrados em novembro passado, fizeram o mercado interno retrair quando os aumentos de preços chegaram ao consumidor brasileiro.

Em janeiro, sazonalmente, é um mês de demanda mais baixa de carne, dadas as férias escolares e os compromissos mais altos de gastos fiscais que reduzem os gastos dos consumidores.

Do lado da oferta, a estação chuvosa gera crescimento das pastagens, diminuindo os custos de produção e limitando o suprimento de animais enviados para o abate. Com o consumo doméstico ainda considerado fraco e a China reduzindo as compras devido ao coronavírus, os abatedouros não estão dispostos a pagar preços mais altos para atrair volumes maiores. Embora ainda 27% maior que em janeiro de 2019, os preços do gado em janeiro (R\$ 193,05 / 15 kg) caíram 9,8%, ante R\$211,97/15 kg em dezembro.

Um desafio para aqueles que terminam o gado com grãos é o alto custo dos alimentos para animais. Os preços do milho em janeiro subiram 6% em relação aos níveis de dezembro e o Rabobank espera que os preços permaneçam altos pelo menos até o início do plantio da segunda safra, que deve ocorrer ao final do primeiro semestre.

Os volumes de exportação para janeiro caíram 22% com relação ao mesmo mês do ano anterior, impulsionados em grande parte por uma redução de 36% nas importações da China. Há um fator de sazonalidade nessa redução, mas vale ressaltar que o último mês de 2019 foi o melhor dezembro de toda a série histórica, tanto em volume quanto em receita.

Espera-se que a demanda interna ganhe força nos próximos meses, com o fim das férias escolares e o prolongado feriado do carnaval. Ao mesmo tempo, o Rabobank espera que a demanda chinesa retorne, pois eles procuram restabelecer estoques e aumentar a disponibilidade doméstica. A oferta de gado, por outro lado, deve aumentar à medida que avançamos nos meses mais secos e menos produtivos.

CHINA

Demanda de carnes podría recién normalizarse en el tercer trimestre de 2020

Fonte: Folha de São Paulo. This post was last modified on 28 de fevereiro de 2020 As importações de carne bovina pela China vão recuar no primeiro semestre de 2020 devido à epidemia de coronavírus, que está afetando a circulação de pessoas e o comércio em todo o mundo, disse o Rabobank em relatório divulgado nesta quinta-feira (27).

A situação pode reprimir a bonança verificada nas exportações de carnes do Brasil recentemente, uma vez que frigoríficos locais estiveram entre os principais beneficiados pela demanda adicional da China por importações de alimentos, depois de a peste suína africana atingir a oferta de carne do país asiático desde meados de 2018.

O banco afirmou que amplos estoques chineses de carne bovina congelada, armazenados em mercados locais em meio aos preparativos para o feriado do Ano Novo Lunar, não foram consumidos em janeiro por causa do coronavírus, que levou ao fechamento de restaurantes no país.

Alguns deles, segundo o Rabobank, podem permanecer fechados até março, já que muitas pessoas continuam evitando refeições fora de casa.

“Restaurantes de serviço rápido podem ser os menos impactados, enquanto restaurantes ‘hotpot’ e de serviços completos sofrerão uma queda acentuada nas vendas no primeiro semestre”, disse o relatório.

Citando incertezas sobre se o coronavírus pode ser contido ainda no primeiro trimestre, o Rabobank mencionou a possibilidade da indústria de restaurantes e turismo continuarem estagnadas até abril ou maio.

“Os menores volumes de vendas significam que a demanda por carne bovina será mais fraca do que em anos normais no primeiro semestre”, apontou o banco.

As exportações de carne bovina do Brasil atingiram uma receita recorde de US\$ 7,5 bilhões em 2019, guiadas pela forte demanda chinesa, que representou 26,6% do volume exportado por frigoríficos locais, de acordo com dados compilados pela Abrafrigo (Associação Brasileira de Frigoríficos). Se contabilizadas



as vendas para Hong Kong, o volume salta para 45%. Minerva, JBS e Marfrig estão entre alguns dos principais exportadores de carne bovina do Brasil.

Ainda assim, depois de um 2019 marcado por recordes de exportações e preços, a indústria brasileira de carne bovina “está experimentando um momento de rebalanceamento de oferta e demanda”, afirmou o Rabobank.

O Brasil registrou máximas recordes de preços no final do ano passado devido às fortes exportações do produto, o que causou retração no mercado interno. Enquanto isso, a temporada de chuvas gerou o crescimento das pastagens, o que reduz os custos de produção, mas limita a oferta de animais enviados para o abate, disse a instituição.

“Com o consumo doméstico (do Brasil) ainda considerado fraco e a China reduzindo compras devido ao coronavírus, abatedouros não estão dispostos a pagar preços mais altos para atrair volumes maiores”, acrescentou o Rabobank.

Embora permaneçam 27% acima dos níveis de janeiro de 2019, os preços do boi gordo no Brasil recuaram 9,8% em janeiro de 2020, depois de atingirem R\$ 211,97 por arroba (15 kg) em dezembro, mostraram dados do Rabobank.

Além do aumento do custo para compra do gado, os crescentes valores da ração animal também são um desafio para os frigoríficos brasileiros, concluiu o banco.

Fonte: Valor Econômico. This post was last modified on 28 de fevereiro de 2020 12:33

A normalização das importações chinesas de carne bovina só deve ocorrer no terceiro trimestre, avalia relatório recém-concluído pelo banco holandês Rabobank.

De acordo com o banco, a carne bovina é a proteína mais afetada pela epidemia do novo coronavírus porque é mais consumida fora do lar (food service). “Restaurantes provavelmente permanecerão fechados em algumas regiões até março, enquanto em outras regiões as pessoas podem evitar comer fora”, apontou.

Até o momento, não é possível saber se o novo coronavírus será controlado no primeiro trimestre, ressaltou o Rabobank. Tendo isso em vista, é possível que os setores de food service e turismo ainda sofram com os impactos da doença ao longo de abril e maio.

“Esse menor volume de vendas significa que a demanda por carne bovina será menor do que os anos normais no primeiro semestre”, projetou o banco holandês. Além disso, muitos importadores chineses lidam com problemas de fluxo de caixa, na medida em que cargas ficaram paradas nos portos. Os estoques formados em dezembro para abastecer a demanda das festas do Ano Novo Chinês, em janeiro, não foram consumidos devido ao coronavírus.

Alguns importadores também tiveram perdas financeiras no fim do ano passado, quando o preço da carne caiu na China, espremendo as margens de importadores que pagaram muito caro para trazer a carne de países como o Brasil.

Nesse contexto, o Rabobank projeta que a normalização das importações de carne bovina pela China ocorrerá, na melhor das hipóteses, no segundo trimestre. Mas a maior probabilidade é que isso só ocorra no terceiro trimestre, segundo o banco.

A partir do segundo semestre, porém, a retomada das importações de carne bovina pela China deve ser rápida e, no acumulado de 2020, os resultados tendem a ser positivos, projeta o Rabobank.

A China é a maior importadora de carne do mundo, e a maior cliente dos exportadores do Brasil – o país asiático responde por 35% das exportações brasileiras. Em 2019, as vendas à China renderam US\$ 2,7 bilhões, conforme dados compilados pelo Ministério da Agricultura.

SAO PAULO (Reuters) - China's beef imports will fall in the first half of 2020 due to fallout from the coronavirus outbreak, which is complicating the circulation of people and trade globally, Rabobank said in a report released on Thursday.

The situation may rein in Brazil's meat export bonanza, as domestic food processors were among the biggest winners of additional Chinese food import demand after African swine fever has disrupted local meat suppliers since around August 2018.

The bank said China's high inventory of frozen beef stored in local markets in preparation for the country's Lunar New Year holiday was not used in January due to the outbreak of coronavirus, which caused restaurants to close.

Some could remain closed until March as people continue to avoid eating out, Rabobank said.

“Quick service restaurants may be impacted the least, while hotpot and full-service restaurants will see sales decline markedly in the first quarter,” the report said.

Citing uncertainties around to what degree coronavirus can be contained in the first quarter, Rabobank mentioned the possibility that the food service and tourism industries would remain disrupted through April or May.



“This lower sales volume means beef demand will be weaker than normal years in the first half,” the bank said.

Brazil's total beef exports hit a record \$7.5 billion in 2019 driven by strong demand from China, which accounted 26.6% of the volume exported by domestic beef packers, according to data compiled by meat association Abrafrigo.

If sales to Hong Kong are included, the combined volume rises to 45%.

Some of Brazil's main beef exporters include Minerva, JBS and Marfrig.

Still, after a 2019 marked by record exports and prices, the Brazilian beef industry “is experiencing a moment of rebalancing of supply and demand,” Rabobank said.

Brazil registered unprecedented price levels late last year due to strong beef exports, making the domestic market retract when the price increases reached the local consumer. Meanwhile the rainy season generated pasture growth, which lowers production costs but limits the supply of animals sent for slaughter, the bank noted.

“With [Brazil's] domestic consumption still considered weak and China reducing purchases due to the coronavirus, abattoirs are unwilling to pay higher prices to attract increased volumes,” Rabobank said.

Although still 27% higher than in January 2019, Brazilian cattle prices in January dropped 9.8% from 211.97 reais per 15 kilograms in December, Rabobank data showed.

Aside from rise in the cost to buy cattle, rising animal feed costs constitute another challenge for Brazilian beef-packers, the bank noted.

Bajó el precio de la carne de cerdo en China

27/02/2020 - Datos oficiales indican que cayó 0,7%.

El precio de la carne de cerdo en China bajó levemente, tras las elevadas subas que tuvo en 2019 como consecuencia directa del surgimiento de la peste porcina africana.

Así lo demuestran los datos oficiales aportados por el Ministerio de Agricultura de China, pero la baja abarca sólo a 16 regiones del país asiático, según publicó el portal Eurocarne.

El precio bajó 0,7%, situándose en US\$ 7,1 por kilo, según el Ministerio de Agricultura de China.

El ajuste de precios llega tras las medidas adoptadas por el gobierno chino para incrementar la oferta de carne de cerdo, tanto a través de poner en el mercado carne congelada y almacenada en sus reservas estratégicas, como por el incremento de las ayudas a los criadores de cerdos. Además también hay que tener en cuenta el incremento de la entrada de carne de cerdo importada en el país.

Según Eurocarne, el pasado mes de enero, el precio promedio de la carne de cerdo era un 116% superior a la que se registraba a comienzos de 2019. Esta suba, junto a la registrada en otros alimentos, han provocado que China haya vivido en 2019 el incremento en su IPC más alto de los últimos 8 años.

Acuerdo. Por otro lado, en el marco de la puesta en marcha del acuerdo comercial entre Estados Unidos y China, el gigante asiático autorizó el ingreso de carne bovina de Estados Unidos, siempre y cuando sea aportada por bovinos mayores de 30 meses, para prevenir cualquier posible problema con la encefalopatía espongiforme bovina o enfermedad de la “vacca loca”.

Así está previsto en la primera fase del acuerdo comercial entre ambos países, cuya fase 1 ya está en marcha. Más allá del avance, todavía faltan definir las condiciones sanitarias y las vinculadas con la calidad que deberán reunir los productos exportados a China.

Según publicó Eurocarne, entre otros productos de Estados Unidos que autorizó el gobierno chino para que puedan ser comercializados en su país, está la carne vacuna y de cerdo, además de la soja. China es el principal importador mundial de la oleaginosa, que es destinada a la alimentación animal. A su vez, China permitió el la entrada de aves desde EE.UU. debido a cómo han afectado los brotes de coronavirus a los suministros tanto de ganado como de carne en el país.

Consultora midió el impacto del coronavirus sobre las pautas de consumo

Fonte: Newtrade. This post was last modified on 28 de fevereiro de 2020 Milhões de chineses estão há semanas com a rotina completamente alterada por conta de ordens de restrição devido ao COVID-19, conhecido popularmente como coronavírus. Durante este período, a forma e as prioridades de consumo também sofreram drásticas mudanças. Diante disso, a Kantar, líder global em dados, insights e consultoria, recolheu dados de forma online de mais de 1.000 lares entre 6 e 9 de fevereiro em todo o país asiático, inclusive na região de Hubei, epicentro da crise, para entender como a população tem se comportado.

Aos entrevistados, foi perguntado se haviam reduzido, mantido ou aumentado seus gastos nas compras de 24 indústrias e como pretendem retomar os gastos quando a normalidade for restabelecida.

Pela impossibilidade de sair de casa, as indústrias de entretenimento e turismo são as que mais sofrem: 75% dos chineses disseram ter cancelado compras destas categorias e 17% reduziram os valores desde o início da crise. Em segundo plano, produtos relacionados também têm perdido mercado, como, por exemplo, bebidas alcoólicas (-57%), cosméticos (-56%) e vestuário (-67%). Em contrapartida, os gastos



com alimentos e bebidas cresceram em 40% dos lares, produtos de limpeza em 48% e seguro saúde em 38%, especialmente na província de Hubei.

No entanto, quando finalmente puderem deixar suas casas, 82% dos chineses pretendem retomar as refeições na rua, 78% têm planos de viajar e 77% de investir em entretenimento fora de casa (out of home). A retomada não indica índices tão positivos para a indústria de luxo, que deverá ter as maiores perdas a curto e médio prazo, já que 61% afirmaram ter reduzido ou eliminado estes itens do orçamento e 21% pretendem continuar diminuindo a compra com o fim da crise. Este comportamento pode ser reflexo das mudanças de perspectiva de consumo que as pessoas apresentam após esse tipo de evento.

Como os chineses têm feito suas compras?

Como é preciso passar o maior tempo possível em casa, 55% dos chineses têm usado as plataformas de e-commerce para abastecer as prateleiras, apesar de os supermercados ainda serem o canal mais usado por pequena diferença.

Um comportamento curioso é que as pessoas têm se juntado em grupos de vizinhos, amigos ou familiares para trocar produtos ou fazer compras coletivas. Para isso, têm se organizado usando a plataforma de mensagens instantâneas WeChat. De acordo com o levantamento, 35% das famílias citaram os grupos como um novo canal de compra.

Como os chineses têm passado o tempo em casa?

Este é provavelmente o mais longo período da história em que milhões de chineses têm sido obrigados a ficar em casa. Além de aulas online para crianças e adolescentes e trabalho remoto, as atividades que mais preenchem o tempo são na maioria relacionadas às telas: 58% optam por vídeos de longa duração, 56% por vídeos curtos e 41% estão ligados na TV. Já para 54% dos entrevistados, descansar tem sido a principal maneira de driblar o confinamento. Na sequência, 28% das pessoas têm aproveitado o período para cozinhar mais, 23% para curtir os filhos, 30% para estudar online e 26% para ler.

Por conta de mais tempo disponível para estar conectado, 40% citaram visitar mais vezes plataformas informativas de vídeos, 34% têm usado mais as redes sociais, principalmente o WeChat, e 26% plataformas online de música. Alguns serviços online também ganharam novos clientes, já que 84% dos chineses consumiram algum produto online de forma inédita durante a crise. Por exemplo, 34% participaram de uma consulta médica à distância pela primeira vez, 33% experimentaram cursos online e 26% decidiram fazer uma assinatura e pagar por entretenimento digital.

O que deve mudar no consumo com o fim da crise?

Apesar de ainda não haver previsão para que as restrições quanto ao coronavírus terminem, os chineses já sabem o que querem fazer quando este dia chegar. Para 65%, a primeira compra será um jantar fora de casa com outras pessoas, enquanto 58% pretendem visitar lojas e shoppings e 45% viajar.

A preocupação com a saúde também é item amplamente citado. Para 83% dos consumidores, estocar máscaras e produtos desinfetantes será prioridade, assim como usar máscara diariamente (65%), ter mais atenção às bactérias no cuidado com a higiene pessoal (76%) e comprar equipamentos que ajudem a manter a casa limpa (63%).

De forma geral, a pesquisa indica que o consumo na China deve se tornar mais conservador, já que muitos lares aumentaram a preocupação em guardar dinheiro para emergências e reduzir gastos desnecessários. Em paralelo, a atenção em valorizar o que o dinheiro não compra também foi citada, como passar mais tempo com família e amigos e ter um universo espiritual mais rico. Ainda neste segmento, as pessoas afirmaram que pretendem pagar mais por marcas que sejam mais socialmente e ambientalmente responsáveis.

BRASIL

Mercado paralizado luego del Carnaval

27/02/2020 Nesta quinta-feira pós-carnaval, o mercado brasileiro do boi gordo seguiu praticamente paralisado, com possibilidade de ativação nos negócios na próxima semana, partir do início de março, período de pagamento dos salários dos trabalhadores, informam analistas de mercado.

Segundo a Informa Economics FNP, enquanto isso, os pecuaristas retêm a boiada nas fazendas, valendo-se da boa qualidade das pastagens, e aguardam a possibilidade de aquecimento no consumo doméstico de carne bovina.

“O início do mês pode resultar em aumento do apetite comprador das indústrias, que tendem se tornar mais dispostas a ajustar positivamente seus preços ofertados pelo boi gordo”, avalia a consultoria.

De acordo com a FNP, os frigoríficos operam atualmente com escalas de abate preenchidas até meados da próxima semana e resistem, ao máximo, fechar novas compras neste momento, temendo dificuldade de repasse de custo e queda nas margens operacionais.



Ainda na avaliação da FNP, como não há acúmulo de estoques de carne bovina no atacado, reflexo dos abates muito ajustados nesse início de ano, qualquer aumento no consumo da proteína mercado varejista deverá impactar rapidamente a demanda pelo boi gordo.

Nessa quarta-feira, o Indicador B3/Cepea (valor à vista, São Paulo) fechou a R\$ 202,80/@, com valorização de 2,2% sobre o preço da sexta-feira, véspera do Carnaval

CEPEA: suba de precios de la hacienda em febrero por menor oferta

De acordo com levantamento do Cepea, os preços do boi gordo se mantiveram firmes ao longo de fevereiro, sustentados pela baixa oferta de animais para abate. No final do mês, o Indicador do boi gordo CEPEA/B3 esteve por volta dos R\$ 200,00. Na média parcial de fevereiro (de 1º a 27), o Indicador foi de R\$ 196,78, sendo 1,93% superior ao de janeiro e quase 23% acima do de fevereiro de 2019, em termos reais (os valores foram deflacionados pelo IGP-DI).

Para a carne negociada no mercado atacadista da Grande São Paulo, a carcaça casada registra média de R\$ 13,77/kg (à vista) na parcial deste mês, com altas de 2,76% em relação à de janeiro e de 24% frente à de fevereiro do ano passado.

Diante disso, pesquisas do Cepea apontam que a diferença entre os preços da arroba bovina e da carne se ampliou, para 9,77 Reais/@, com vantagem para a carcaça casada negociada no atacado – os dados foram deflacionados.

Buenas perspectivas para los embarques de febrero pese a CHINA

20/02/2020 Embarques da proteína vermelha podem atingir dois dígitos no primeiro bimestre de 2020, prevê a Scot Consultoria

No acumulado de janeiro deste ano até os dez primeiros dias de fevereiro, o Brasil embarcou 178,2 mil toneladas de carne bovina in natura, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Caso o ritmo da exportação se mantenha, em fevereiro, os embarques irão alcançar em torno de 110 mil toneladas, calcula o zootecnista Felipe Reis, analista da Scot Consultoria.

“Se este fato se consolidar, o primeiro bimestre de 2020 será recorde para a exportação de carne bovina, com 227,13 mil toneladas embarcadas”, analisa Reis.

O volume esperado para o período bimestral é 4,2% acima do exportado nos primeiros dois meses do ano passado e 36% superior à média embarcada no primeiro bimestre dos últimos dez anos, destaca o analista da Scot.

EEUU REABRE MERCADO PARA LA CARNE BRASILEÑA

27 de febrero de 2020 El Departamento de Agricultura de los Estados Unidos (USDA, por su sigla en inglés) y el Servicio de Inspección y Seguridad Alimentaria (FSIS) informaron el pasado viernes sobre la reapertura del mercado de carne fresca brasileña a Estados Unidos a partir del 26 de febrero.

En la declaración enviada al Mapa (Ministerio de Agricultura Pecuaria y Abastecimiento), el FSIS dijo que Brasil ha corregido los problemas sistémicos que llevaron a la suspensión. Además, cerrará los casos pendientes de incumplimiento de los puntos de entrada asociados con la suspensión de 2017.

Antes del primer envío, el Mapa deberá presentar una lista actualizada de los frigoríficos habilitados.

EEUU suspendió las compras de carne vacuna brasileña en 2017, debido a los abscesos por vacunación.

En junio de 2019 en enero de 2020 una misión veterinaria de EEUU visitó Brasil para inspeccionar frigoríficos y volver a habilitar.

Fonte: Mapa. This post was last modified on 26 de fevereiro de 2020 8:35

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) e o Serviço de Inspeção e Inocuidade Alimentar (FSIS) informaram nesta sexta-feira (21) ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) a abertura de mercado para carne bovina in natura do Brasil para os Estados Unidos a partir de hoje.

“Hoje recebemos com muita satisfação uma notícia esperada há muito tempo: a reabertura do mercado de carne bovina in natura do Brasil para os Estados Unidos. Uma notícia que esperávamos com ansiedade há algum tempo e que hoje eu tive a felicidade de receber. É uma ótima notícia, porque isso traz o reconhecimento da qualidade da carne brasileira por um mercado tão importante como o americano”, disse a ministra Tereza Cristina.

O Brasil poderá começar a enviar produtos de carne bovina in natura derivados de animais abatidos a partir de hoje. No comunicado encaminhado ao Mapa, o FSIS disse que o Brasil corrigiu os problemas sistémicos que levaram à suspensão e está restabelecendo a elegibilidade das exportações de carne bovina in natura para os Estados Unidos a partir de hoje. Além disso, o FSIS encerrará os casos pendentes de violação de pontos de entrada associado à suspensão de 2017.



Antes da primeira remessa, o Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal do Mapa (Dipoa) deve enviar uma lista atualizada de estabelecimentos elegíveis certificados.

As compras de cortes bovinos do Brasil foram suspensas pelos Estados Unidos em 2017, devido às reações (abcessos) provocadas no rebanho, pela vacina contra a febre aftosa.

Desde o início do ano passado, a ministra tem feito diversas reuniões com o secretário de Agricultura dos Estados Unidos, Sonny Perdue, para tratar do assunto. Em junho de 2019, uma missão veterinária dos Estados Unidos esteve no Brasil para inspecionar frigoríficos de bovinos e suínos. A missão retornou em janeiro deste ano.

Prevén mejora de las exportaciones brasileñas luego del anuncio

27/02/2020 Confirma a atual pauta de exportações e por que ela pode crescer ainda mais

As três principais empresas de abate de bovinos no País – JBS, Marfrig e Minerva – possuem 19 unidades frigoríficas prontas para exportar carne in natura aos Estados Unidos. A trinca se posicionou sobre a capacidade de atender a essa demanda depois que o governo americano, através de seu Departamento de Agricultura (USDA) e do Serviço de Inspeção e Inocuidade Alimentar (FSIS), anunciou a reabertura de seu mercado, na sexta-feira (21/2).

A JBS possui atualmente o maior número de unidades. São 11 frigoríficos, com capacidade de abate diário de 11 mil bovinos. A Minerva Foods anunciou que tem 5 unidades, com capacidade diária de 6 mil bovinos abatidos. E a Mafrig possui 3 unidades aptas a exportar, com outras 7 em fase final de aprovação, incluindo frigoríficos no Uruguai e na Argentina.

Há outras empresas já habilitadas no País, mas de pequeno porte. A maior parte da carne exportada deverá sair desse grupo.

O movimento que está posto para a indústria frigorífica brasileira pode mexer na pauta de exportações aos americanos, o terceiro maior cliente nacional. Dos cerca de 160 países para os quais o Brasil vende, os Estados Unidos estão atrás, apenas, da China e da União Europeia. Do total de US\$ 96,8 bilhões exportados pelo agronegócio brasileiro em 2019, os americanos responderam por US\$ 7,1 bilhões, valor equivalente a 16,1%.

As atuais compras são concentradas em poucos produtos, embora o total chegue a 25 categorias de embarques, de acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Por exemplo, compram produtos como chá mate, mel e flores. Mas, o que conta são os produtos florestais e o café – com mercados mais estáveis -, e o complexo sucroalcooleiro, como etanol, por exemplo, mais instável nas compras. Respectivamente, em 2019 as receitas foram de US\$ 2,7 bilhões, US\$ 1 bilhão e US\$ 797,7 milhões.

As vendas de carne bovina industrializada, miudezas como língua, fígado e rabo, mais aves e suínos, estão na quarta posição das compras americanas. No ano passado, o total foi de 45,7 mil toneladas, por US\$ 339,7 milhões. Desse valor, US\$ 317,9 milhões foram de produtos bovinos. O nicho mais representativo, que é o da carne industrializada destinada preparações e conserva, rendeu US\$ 315,2 milhões para 38 mil toneladas.

Boi para conserva

As exportações de carne industrializada aos americanos nos últimos 5 anos

2015 – 29,9 mil toneladas por US\$ 281,5 milhões

2016 – 31,6 mil toneladas por US\$ 276,6 milhões

2017 – 24,0 mil toneladas por US\$ 227,9 milhões

2018 – 31,4 mil toneladas por US\$ 258,7 milhões

2019 – 38,1 mil toneladas por US\$ 315,2 milhões

Fonte: Mapa

Do Brasil para os Estados Unidos

As exportações globais do agronegócio nos últimos 5 anos

2015 – US\$ 6,4 bilhões

2016 – US\$ 6,2 bilhões

2017 – US\$ 6,7 bilhões

2018 – US\$ 6,7 bilhões

2019 – US\$ 7,2 bilhões

Fonte: Mapa

US to lift ban on Brazilian beef imports

28 February 2020

US - Last Friday, USDA-FSIS announced that it would lift the ban on imports of Brazilian fresh beef, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.



Brazilian fresh beef was allowed to enter the US market in the fall of 2016 after almost a decade of absence due to Foot and Mouth (FMD) disease concerns. But resumption of trade proved to be short lived. USDA suspended Brazilian beef imports in June 2017 "because of recurring concerns about the safety of the products intended for the American market." For their part, Brazilian suppliers indicated that this was not a food safety issue but it was rather due to product defects, more specifically due to abscesses created by the administration of the FMD vaccine and which were not properly removed.

It did not help the credibility of the Brazilian side that the meat inspection system was involved in a major scandal, whereby inspectors were caught taking bribes and allowing tainted or spoiled meat to enter commerce. After two and a half years, it appears USDA now has enough confidence in the Brazilian system to once again open the door to Brazilian beef imports.

What are the supply implications from this decision? While USDA has made the decision to open the door to imports from Brazil, product has yet to enter the US market. For that to happen Brazilian authorities need to submit a list of plants that are eligible to ship product to the US. We suspect that will come fairly quickly.

USDA has also set up a special process for imports of grinding beef in the US, with specific lotting protocols. Brazil has likely established those protocols from back in 2017 when product started to flow into the US. So that should not be an impediment. But we suspect that Brazilian suppliers will be rather cautious, at least initially, in shipping product to the US.

The last thing they need is for the same defects that caused trade to be disrupted in 2017 to happen again. They will likely dot every i and cross every t. With that said, there is little question that Brazil could potentially ship significant quantities to the US market. But for that to happen, specific conditions will need to prevail - namely a slowdown in China demand, Brazil's key market.

Last year Brazil established itself as one of the top suppliers to the Chinese market. According to USDA, Brazilian beef exports in 2019 were 2.356 million MT on a carcass wt. basis. This is the equivalent of 5.2 billion pounds. Exports to China and Hong Kong accounted for 46 percent of Brazilian beef exports in 2019.

In 2020, USDA is forecasting Brazilian beef production to be the equivalent of 23.3 billion pounds (carcass wt.) and exports are forecast to be 5.7 billion pounds. Compare this with forecasts for US 2020 beef production at 27.5 billion and exports of 3.3 billion.

US beef imports in 2020 are forecast at 2.88 billion pounds, down from 3.05 billion in 2019. US imports from Australia are currently forecast to decline due to lower slaughter there. However, that may or may not happen depending on what happens with China beef imports.

It is important to remember that last year China also emerged as the top market for Australian beef. New Zealand also shipped as much as 60 percent of its exports to China last year. Will they be able to do that again given the spread of Coronavirus and big hit to China's foodservice demand.

US beef imports are governed by a quota system, whereby a only a specific amount of product from some countries can enter at a low tariff rate. Some countries face no tariff (Mexico and Canada) and this year Central American countries also have gained free access as part of CAFTA.

At this time Brazil has access to a quota allocation of near 65,000 MT that it shares with a few other countries. This is the equivalent of 195 million lb. on a carcass wt. basis. But Brazil can ship unlimited amounts if they pay the out of quota duty of 26.5 percent.

They would likely not be willing to pay the higher tax if China demand holds up. But if it does not, where else will they go with their meat. Russia used to be a major customer but it's purchasing power is usually a function of oil prices.

Another factor to consider is the value of the US dollar. As the US dollar gains in value, it tends to offset the tariff. In the last 12 months the US dollar has gained 17 percent vs. the Brazilian real. Bottom line: imports from Brazil may be limited in the very near term.

JBS tendrá once plantas habilitadas

Fonte: Valor Econômico. This post was last modified on 26 de fevereiro de 2020 A reabertura do mercado dos Estados Unidos à carne bovina brasileira, anunciada hoje, beneficiará inicialmente cinco empresas, de acordo com fontes. JBS, Minerva, Marfrig, Frisa e Mataboi contarão com unidades autorizadas a vender aos americanos.

Ao todo, 21 abatedouros estarão habilitados em um primeiro momento, mas JBS e Marfrig trabalham para ampliar o número de plantas autorizadas, de acordo com duas fontes.

Por ora, a JBS é a empresa com o maior número de abatedouros autorizados. São 11 plantas, mas o número poderá chegar a 14 com a ampliação pretendida.

A Marfrig conta com três frigoríficos habilitados para os Estados Unidos, mas pretende conseguir a liberação para mais cinco plantas, apurou o Valor.

A Minerva, por seu turno, já contará com cinco abatedouros autorizados. Frisa e Mataboi devem ter, cada um, uma unidade habilitada.



Na indústria, poucos arriscam estimar o potencial de exportações para o mercado dos Estados Unidos. Em 2016, quando o mercado foi aberto para o produto in natura pela primeira vez, especialistas estimavam que o mercado poderia render, no máximo, US\$ 300 milhões por ano. O Brasil deve exportar, principalmente, cortes do dianteiro bovino para a fabricação de hambúrguer nos EUA.

Mas o mercado global de carne bovina mudou de lá para cá, sobretudo no último ano. Há escassez de carne na Ásia devido ao surto de peste suína africana e problemas na produção de importantes países exportadores de carne.

De acordo com um executivo de um grande frigorífico, o clima desfavorável na Austrália terá impacto relevante nas exportações do país. Como os Estados Unidos são o principal cliente da Austrália, a expectativa é que os frigoríficos brasileiros possam ocupar parte do espaço do país da Oceania no mercado americano.

No ano passado, a Austrália foi o segundo maior país exportador de carne bovina, somente atrás do Brasil, de acordo com estimativas do Departamento de Agricultura dos EUA (USDA). Os australianos respondem por 16% das exportações globais e os brasileiros, por 20%.

A reabertura do mercado americano também vem em boa hora para as negociações dos frigoríficos brasileiros com os importadores chineses, observou o executivo. Neste momento, a China está oferecendo preços menores pelos cortes do dianteiro bovino do Brasil.

Ainda que a demanda dos EUA seja bem menor do que a chinesa — o país asiático é o maior comprador do produto brasileiro —, a chegada de um comprador com o peso dos americanos pode ajudar nas conversas com os chineses, avaliou o mesmo executivo.

Conforme o USDA, a China é a maior importadora de carne bovina. No ano passado, o país asiático respondeu por 25% das importações. Os EUA aparecem na segunda posição, com uma participação de 15,2% nas importações.

Minerva tendrá cinco establecimientos em Brasil

26/02/2020 Fim do embargo, que durava desde junho de 2017, foi anunciado na última sexta-feira

A Marfrig Global Foods informou nesta quarta-feira, por meio de nota, que a reabertura do mercado norte-americano para a carne bovina in natura do Brasil “irá contribuir para facilitar a relação comercial e aumentar o portfólio da ‘Operação América do Norte’”.

O fim do embargo, que durava desde junho de 2017, foi anunciado na última sexta-feira pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) e o Serviço de Inspeção e Inocuidade Alimentar (FSIS).

Enquanto perdurou o veto à carne bovina brasileira, a Marfrig exportou o seu produto aos EUA por meio de suas filias instaladas no Uruguai e na Argentina.

Na nota, a Marfrig afirma que cinco unidades da empresa no Brasil tiveram aprovação para exportar carne bovina aos Estados Unidos. As plantas têm capacidade total de abate de 6.040 cabeças/dia. A companhia tem um total de dez unidades no País.

A carne bovina in natura brasileira foi bloqueada pelo governo dos EUA após a detecção de abscessos (acúmulo de pus), uma reação à vacina contra o vírus da febre aftosa.

Fonte: Valor Econômico. This post was last modified on 27 de fevereiro de 2020 12:10

A Marfrig Global Foods confirmou, por meio de comunicado ao mercado, que o Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) abriu o mercado para a carne bovina in natura do Brasil, mas não citou o número de plantas da companhia habilitadas para realizar os embarques.

Segundo apurou o Valor na sexta-feira, a Marfrig teve três plantas habilitadas, mas pretende conseguir a habilitação de mais cinco unidades.

No comunicado, a empresa disse que “já podia exportar carne in natura do Uruguai e da Argentina [aos Estados Unidos]” e que “passa com a abertura do mercado brasileiro ter total integração comercial entre as operações América do Sul e América do Norte”. “A abertura irá contribuir para facilitar a relação comercial e aumentar o portfólio da Operação América do Norte”, concluiu o comunicado assinado por Marco Antonio Spada, vice-presidente de Fianças e de relações com investidores.

Mato Grosso do Sul tiene cuatro establecimientos habilitados

Fonte: Campo Grande News. This post was last modified on 28 de fevereiro de 2020 12:10

Mato Grosso do Sul que tem hoje quatro frigoríficos habilitados a vender carne in natura para os Estados Unidos: três plantas da JBS, localizadas em Nova Andradina, Naviraí e Campo Grande, e uma unidade da Marfrig, em Bataguassu, pode ter novas indústrias na lista após visitas técnicas das autoridades norte-americanas.

A avaliação é do secretário Jaime Verruck, da Semagro (Secretaria de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar) que afirma que a reabertura dos EUA para a carne bovina in



natura do Brasil é uma oportunidade estratégica para a pecuária de Mato Grosso do Sul de ampliação do comércio, não só com o mercado norte-americano, mas com outros países.

“A reabilitação desse mercado para a carne brasileira é mais uma opção de saída de produto e cria um cenário favorável em termos de demanda. Temos também as implicações decorrentes do coronavírus, por isso, voltar a exportar carne in natura para os EUA tem um impacto fundamental em termos de produto. Essa reabertura dos norte-americanos mostra aos demais países a qualidade do nosso produto, do nosso sistema de sanidade animal e abre possibilidade de comércio com outros mercados”, comentou Jaime Verruck.

Exportações – As vendas de carne bovina para o exterior intensificaram-se, principalmente a partir de 2005. De 2006 a 2014, pode ser considerado de maior expansão chegando a 7 vezes maior em termos de toneladas com chegando a 145 mil, embora em termos de dólares tenha representado o dobro (14 vezes) chegando a 677,8 milhões de dólares, em 2014. Após esse período de expansão, o produto sofreu uma queda de 2015 a 2016, retomando a expansão a partir de 2017, chegando a 183,8 mil toneladas com 690 milhões de dólares em exportações em 2019.

Em 2016, quando o mercado dos EUA foi aberto para o produto in natura pela primeira vez, especialistas estimavam que o mercado poderia render, no máximo, US\$ 300 milhões por ano. O Brasil deve exportar, principalmente, cortes do dianteiro bovino para a fabricação de hambúrguer nos EUA.

Embora os Estados Unidos sejam um dos principais destinos da carne bovina de Mato Grosso do Sul, sua participação, em relação as exportações totais, somente em 2017 teve uma parcela significativa chegando a 4,2%. Os valores exportados chegaram a 21 milhões de dólares em 2017, representado 4,2%, embora em 2018 representou o mesmo patamar de 2013, cerca 0,1% do total exportado para o exterior.

Récord histórico de producción de carne vacuna en Brasil en 2020 según el USDA

27 de febrero de 2020

El 2020 será un año de récords en el sector cárnico brasileño. El Departamento de Agricultura de los EEUU (USDA, por su sigla en inglés) prevé que la producción de carne vacuna alcance los 10,55 millones de toneladas en 2020, un aumento del 3,4% respecto a los 10,2 millones de toneladas del 2019. Impulsado por una mayor productividad, exportaciones récord y una mayor demanda interna.

El crecimiento esperado de la economía brasileña en 2020 del 2,3%, la disminución de la inflación y las tasas de desempleo y un mayor poder adquisitivo de los consumidores llevará a un incremento del 1,5% en el consumo interno de carne vacuna: a un récord de 8,06 millones de toneladas.

Las incertidumbres que enfrenta el sector son las fluctuaciones en el tipo de cambio, el acuerdo comercial entre los Estados Unidos y China, y el impacto del "Coronavirus".

Las exportaciones de carne vacuna aumentarán a un ritmo más lento en 2020 (en comparación con 2019) en casi un 10%, a otro récord de 2,5 millones de toneladas, impulsado por la firme demanda de China. Una combinación de una moneda devaluada y precios internos estables mantendrá competitivos los precios de exportación de la carne brasileña en el mercado mundial.

Indonesia es el mercado objetivo actual para los exportadores brasileños, ya que autorizó las importaciones de carne vacuna de 10 plantas. Los traders ven la oportunidad de aumentar las exportaciones a Indonesia este año debido al impacto de los incendios forestales en la producción de carne y ganado en Australia. Sin embargo, el número actual de plantas brasileñas aprobadas para Indonesia limitaría las ventas a alrededor de 20.000 toneladas.

Estados del sur pueden formar el primer bloque libre de fiebre aftosa sin vacunación

27 de febrero de 2020 Con Paraná y Rio Grande del Sur, la región tiene la oportunidad de ser la primera en el país con un estado de salud diferenciado.

Las solicitudes realizadas por los dos estados para retirar la vacuna contra la fiebre aftosa podrían convertir a la Región Sur de Brasil en la primera del país en tener un estado libre de enfermedad sin vacunación. Hoy, solo Santa Catarina tiene esta condición.

Paraná ya recibió la aprobación del Ministerio de Agricultura y dejó de aplicar las dosis en la segunda etapa de la campaña en 2019.

Río Grande del Sur solicitará en mayo al Ministerio de Agricultura retirar la vacuna contra la fiebre aftosa. Pero la decisión será reevaluada en agosto, cuando finalice el plazo para realizar las mejoras indicadas en el informe de la auditoría realizada.

Rio Grande do Sul autorizado a anticipar vacunación contra AFTOSA

Fonte: Mapa. This post was last modified on 26 de fevereiro de 2020 13:27

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) autorizou o Rio Grande do Sul a antecipar a vacinação contra a febre aftosa de maio para março. A decisão do Ministério foi tomada nesta sexta-feira



(21), atendendo a uma solicitação encaminhada pela Secretaria da Agricultura do Estado na última segunda-feira (17). Com isso, a campanha de vacinação será feita de 16 de março até 14 de abril de 2020.

Essa ação visa manter a possibilidade de o estado, caso cumpra todos os requisitos e ações previstas do Plano Estratégico 2017-2026 do Programa Nacional de Erradicação e Prevenção da Febre Aftosa (PNEFA), pleitear o reconhecimento de zona livre de febre aftosa sem vacinação perante à Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), em maio de 2021.

Atualmente, o RS tem aproximadamente 13 milhões de bovinos e teve o último registro da doença em 2001.

Mais informações relacionadas ao Plano Estratégico do Programa Nacional de Erradicação e Prevenção da Febre Aftosa podem ser visualizadas no portal do PNEFA. As informações sobre o calendário de vacinação nos estados e no Distrito Federal podem ser visualizadas aqui.

URUGUAY

Ventas de carne vacuna a China caen casi 40% interanual

27 de febrero de 2020

En lo que va del año, las exportaciones de carne vacuna a China cayeron 38% en volumen y 33% en facturación respecto al mismo período del año pasado: 18.079 toneladas peso embarque por un total de US\$ 82 millones, según los datos de la Dirección Nacional de Aduanas.

Luego de que en diciembre se desaceleraran las ventas de carne vacuna a China, todas las esperanzas estaban depositadas en que con los festejos del año nuevo lunar los stocks acumulados de carne se redujeran y se reactivara la demanda. Pero la aparición del coronavirus lo cambió todo y golpeó el consumo de China en el mejor momento del año.

La participación de China en el total del volumen de carne vacuna exportado bajó de 64% a 50% interanual. Mientras que la facturación por ventas pasó de 54% a 40%.

El precio se mantiene 500 por encima que en el mismo momento del año pasado: US\$ 4.534 la tonelada peso embarque, pero 1000 dólares por debajo que el récord histórico de US\$ 5.541 de diciembre del año pasado.

Brokers consultados dijeron a Blasina y Asociados que los frigoríficos que tienen a China como único mercado, cierran negocios aún con precios muy bajos. Fundamentalmente los que no tienen cuadrillas kosher operando y que no tienen una fuerte inserción en Estados Unidos.

Faltan cobrar US\$ 200 millones por carne en China

21/02/2020 - Son 41.000 toneladas y afectan a toda la cadena cárnica.

El coronavirus en China generó un problema financiero grave para Uruguay. Además de paralizar la demanda de carnes y enlentecer la absorción de los stocks que aún están en poder de los importadores, el cierre de los bancos provocó un enlentecimiento de los pagos de las mercaderías ya importadas.

Hay 41.000 toneladas de carne bovina que representan US\$ 200 millones por cobrarse, en vías de cobrarse o en parte ya pagadas por los importadores del gigante asiático, informó el presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Federico Stanham, en el marco de un nuevo informe de situación.

En 2019 el mercado chino compró 60.000 toneladas adicionales de carne bovina, reafirmando su posición como el principal importador de carne bovina y menudencias, medido en volumen. El pico de exportación mayor se dio en noviembre y diciembre de 2019, con 30.000 toneladas y en los primeros meses del año en curso, está importando 10.000 toneladas mensuales menos de carne bovina.

Stanham dijo que a eso se sumó una baja de precios de entre 15% y 20% en la tonelada de carne bovina exportada. Esa baja es adicional a la caída de 30% que generó la renegociación de los contratos de noviembre y diciembre de 2019.

“La mercadería para exportar a China se compró con un determinado precio y ese precio, bajó 30%. Eso también genera un impacto importante en la industria frigorífica y en toda la cadena”, explicó el jerarca.

Uruguay tiene una ventaja en este mercado frente a los demás proveedores de la región: puede entrar con cortes con hueso. “Lo que estaba siendo menos afectado eran los cortes con hueso. El impacto de saturación del mercado, que se dio a fines de noviembre, fue menor en los cortes sin hueso”, explicó el titular de INAC.

La baja de precios de China también está impactando en el resto de los mercados hacia los que Uruguay exporta, provocando una reducción de la faena semanal. La industria ocupa el 70% de la capacidad instalada en un año normal, hoy la faena de bovinos cayó 31% y “estamos 30% por debajo de la capacidad de ocupación normal”, afirmó el presidente del INAC.



INAC: China volverá a comprar carne porque no le alcanza

23/02/2020 INAC estimó que hay US\$ 220 millones para cobrar en ese mercado asiático que en 2019 compró en Uruguay 60.000 toneladas de carne bovina adicionales.

China sigue siendo un país que no puede producirse la carne vacuna que precisa y tendrá que seguir importando. “Cuando se normalice la crisis sanitaria provocada por el coronavirus tendrá que seguir comprando. No es un mercado que desapareció”, afirmó el presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Federico Stanham.

El pasado viernes, el INAC actualizó los números de los efectos económicos que tiene el cese de los pagos, ahora agravados por el coronavirus que mantiene cerrados los bancos y retraído el consumo, evitando que bajen los stock de carne que tienen los importadores en su poder.

“Si sumamos noviembre y diciembre fueron a China US\$ 220 millones y ese dinero está demorado en volver, se está dificultando su cobro”, explicó Stanham. Los US\$ 220 millones son el valor de las 41.000 toneladas de carne vacuna que exportó Uruguay en esos dos meses. A lo largo de 2019, China compró en Uruguay unas 60.000 toneladas adicionales frente a 2018, pero también compró en otros destinos, formando stock de carne que aún hoy se arrastran en el mercado.

La cobranza de los US\$ 220 millones está demorada, parte se cobró, otra parte está en proceso de cobrarse y aún así, hay parte de ese monto que no se sabe cuándo los frigoríficos uruguayos podrán cobrarlo.

“Se agregó un problema sanitario en China (el coronavirus) que paralizó la cadena de consumo e impidió que los importadores paguen sus obligaciones, las van a pagar, pero precisan tiempo”, dijo el presidente del INAC.

“Los grandes volúmenes de carne en depósitos portuarios, en proceso de ser desembarcada y en viaje a China, demorarán mucho más de lo esperado en ser absorbidos por las cadenas de abastecimiento internas y el consumo”, confirmó Stanham en rueda de prensa.

A su vez, los precios en ese mercado cayeron 30%, “lo que ya estaba vendido y facturado se regenció, en parte, eso se está terminando de medir”, aclaró el jerarca. La baja de los precios en China también se reflejan en otros mercados hacia los que Uruguay exporta y en los valores que recibe el productor ganadero por la hacienda que remite a la industria.

“Si bien la caída más pronunciada se observó en las primeras semanas del año, y posteriormente fue de menor magnitud, los precios actualmente muestran oscilaciones, y no es posible afirmar un nivel de precios estabilizado para el mercado”, explicó el titular de INAC.

China tiene tres ventajas, según destacó Stanham: “no hay cuotas (acapara todo lo que se le pueda vender), el arancel es bastante bajo (12% por tonelada) y compra todos los cortes del animal (incluidas las menudencias)”.

Mirando hacia adelante, el titular de INAC afirmó que “China volverá a ser el principal mercado para las carnes uruguayas una vez que esta situación sanitaria en ese país se supere. No hay por qué esperar que esa sea la realidad”, aclaró.

Más allá de los problemas en el mercado chino, que no sólo afectan a los frigoríficos locales, sino también a todos los de la región, Stanham explicó que “las carnes uruguayas tienen suficientes mercados para defenderse. Uruguay puede producir 500.000 toneladas anuales para exportación y las va a vender”. China llegó a acaparar el 75% de las exportaciones de carne bovina y hoy está representando apenas el 40%.

El jerarca de INAC agregó que “el sector logra mantener un nivel de actividad razonable, pero por debajo de lo esperado, siendo el impacto en el volumen de significativa consideración. Reflejo de esto es la disminución en la faena, que alcanza una caída del 31% hasta el 16/2. La actividad se basa en negocios para China, (50% de la carne bovina embarcada a todos los mercados en lo que va del año 2020), que corresponde a previsiones que los importadores hacen esperando una reactivación parcial para abril o mayo o en adelante, que es la fecha en que estos embarques llegarán a China ”.

Facturación de ganadería de carne récord en 2019

27/02/2020 - Mejora en el precio de venta más que compensó la menor actividad.

La ganadería de carne facturó un monto récord en 2019 gracias a los muy altos precios de venta, que más que compensaron el descenso en la cantidad de animales faenados y de animales exportados en pie. La facturación de la ganadería de carne creció 1% el año pasado a un máximo histórico de US\$ 2,19 miles de millones, unos US\$ 22 millones por encima del registro de 2018.

La salida de animales del sistema cayó fuerte, en especial en el caso de la exportación de vacunos en pie. En base a las solicitudes de exportación informadas por Aduanas, salieron 151 mil vacunos, fundamentalmente terneros machos enteros para Turquía. Esto implica un descenso de 255 mil cabezas respecto al récord de más de 400 mil del año anterior. El valor medio de venta sufrió una mínima



corrección al alza a US\$ 664 por cabeza, por lo que la facturación por concepto de exportación en pie cayó en US\$ 160 millones a solo US\$ 100 millones el año pasado, el menor monto desde 2013.

Turquía, destino hegemónico para esta corriente exportadora, dejó de emitir permisos para la importación de animales en pie, dado que el negocio estaba resultando malo para los engordadores por un exceso de oferta. Quedaron operativos los permisos ya otorgados, pero no hubo nuevos. La expectativa es que en algún momento de este primer semestre de 2020 Turquía revierta esa decisión.

A su vez, la faena se contrajo en 112 mil cabezas a 2,23 millones, con un descenso en la producción de carne de 23 mil toneladas a 563 mil toneladas carcasa. La caída en la producción de carne es proporcionalmente menor a la faena debido a un aumento del peso de las carcasas que pasó de 250 kilos en 2018 a 252 en 2019. Este descenso en la producción física fue compensado por el fuerte aumento en el precio de venta. Los frigoríficos compraron en promedio a US\$ 935 por animal, una suba anual de 15%. En definitiva, la facturación por la venta de vacunos a frigorífico logró un mínimo aumento anual en 2019. Los números son mejores cuando el monto se expresa en pesos constantes. Allí se advierte un incremento de la facturación de 6,6% determinada fundamentalmente por la valorización del dólar por encima del ritmo de inflación.

Facturación.

Para el año en curso la expectativa es que no se llegue a la misma cifra en dólares. Primero, porque es factible que la faena vuelva a descender. No lo haría en cifras muy significativas, pero difícilmente se llegue al número de 2019. Segundo, porque desde el lado de la exportación en pie tampoco se advierte la posibilidad de una franca recuperación en el correr de este año. Tercero, porque los picos de precios alcanzados en 2019 difícilmente se repitan este año, dado que el gobierno de China “marcó la cancha” de hasta dónde se puede llegar en los precios que pagan los importadores, a lo que se le agregó a partir de la segunda quincena de enero el impacto de la crisis del coronavirus sobre la economía en general y sobre la demanda de carne vacuna en particular.

Facturación de tamberos cayó US\$ 66 millones.

El año 2019 no fue malo en materia de producción de leche para Uruguay con una remisión a planta que orilló los 2.000 millones de litros. Sin embargo, los tamberos vieron menguados sus ingresos brutos medidos en dólares corrientes. El año pasado, los productores facturaron US\$ 594 millones por los 1.976 millones de litros que produjeron durante ese ejercicio (baja anual de 4%), un monto que implicó una caída de US\$ 66 millones (-10%) respecto a los US\$ 660 millones de 2018. También estuvo por debajo de los US\$ 652 millones del año 2017, pero fue superior a 2015 (US\$ 582 millones) y 2016 (506 millones), dos años duros para la fase primaria.

El factor determinante para este descenso fue el precio por litro de leche. Mientras que en 2018 el promedio se ubicó en US\$ 0,32 por litro, el año pasado se produjo una baja de dos centavos a US\$ 0,30 por litro. Esto se dio por la fuerte suba que tuvo el tipo de cambio (15%) el año pasado. Si bien las industrias aumentaron el pago en pesos durante varios meses del pasado ejercicio, no fue suficiente para acompañar la depreciación que registró la moneda uruguaya el año pasado.

Avanza la vacunación contra la aftosa de todo el rodeo

27/02/2020 La vacunación se desarrolla “sin contratiempos”.

El período de vacunación contra fiebre aftosa “avanza sin contratiempos”, según confirmó el titular de la Dirección General de Servicios Ganaderos, Eduardo Barre. La vacunación de todo el rodeo contra la citada enfermedad va hasta el próximo 15 de marzo.

“La ausencia de cambios climáticos (lluvias) en este período permitieron avanzar y dentro de unos días tendremos el primer informe parcial de cómo va la vacunación de todos los bovinos”, explicó Barre. “Hasta el momento no hemos tenido ningún inconveniente”, agregó.

Para este período se distribuyeron 13 millones de dosis y se pide especial atención al manejo de la vacuna y del ganado frente a los picos de calor. Todos los bovinos mayores de dos meses deben recibir una dosis de dos centímetros, aplicada en forma subcutánea, en las tablas del pescuezo.

A su vez, en Brasil, las autoridades aprobaron que tres Estados dejen de vacunar contra aftosa el año que viene, sumándose a Santa Catarina que hoy es el único libre. El presidente de la Federación de Agricultura de Río Grande del Sur, Gedeao Pereira, contó a Rurales El País que Santa Catarina, Paraná y Río Grande del Sur determinarían la zona libre sin vacunación. “Vamos a seguir protegidos con las vacunas de la región, tenemos una situación geográfica muy privilegiada para erradicar la vacuna”.

UNIÓN EUROPEA

Comisión Europea constata deficiencias en los mataderos de POLONIA

21/02/2020 La Dirección General de Salud y Seguridad Alimentaria de la Comisión Europea acaba de emitir un informe resumiendo una visita realizada a Polonia, entre el 25 de marzo y el 5 de abril de 2019,



en la que se buscó ver las correcciones hechas por las autoridades polacas tras las deficiencias detectadas en otra misión de inspección anterior en relación al bienestar animal y el trato dado al ganado vacuno en algunos de los mataderos de este país.

Según el nuevo informe, que pueden consultar en el siguiente enlace, se ha implementado un plan de mejora en poco tiempo "en gran medida gracias a un considerable y esfuerzos adicionales de los veterinarios oficiales y toda la inspección veterinaria, y la implementación aún está en curso".

Ante esto, "la situación ciertamente ha mejorado, pero todavía hay espacio para mejoras adicionales, especialmente en relación con la sensibilización sobre los problemas de bienestar animal relacionados con el transporte de animales heridos, la evaluación precisa y el registro de hallazgos mortem y post mortem para identificar problemas de bienestar animal, y el sacrificio de emergencia en la granja de animales heridos no aptos para el transporte".

Con respecto a la identificación y el registro de animales, y en particular el uso y la usabilidad de la base de datos central como herramienta para verificar la correcta aplicación de las normas, así como la elegibilidad de los animales bovinos, queda trabajo por hacer, según el informe de la Comisión.

Sin embargo, la auditoría identificó problemas en relación con los recursos, que ponen en grave peligro el funcionamiento efectivo del sistema de control y, por lo tanto, la capacidad de las autoridades competentes para hacer cumplir la correcta aplicación de la legislación pertinente.

En el informe se constata la falta de personal oficial cualificado con salarios bajos y puestos que siguen sin cubrirse. Esto, junto con la necesidad de abordar otras prioridades, afecta seriamente la capacidad de los veterinarios oficiales para supervisar adecuadamente la labor que realizan veterinarios autorizados pagados por las industrias cárnicas que realizan tareas oficiales aunque las auditorías a tal efecto están actualmente prohibidas.

En segundo lugar, la estructura de remuneración de los veterinarios autorizados está directamente relacionada con el rendimiento de los establecimientos que atienden. Como consecuencia, y en el caso de que estos sean establecimientos de alto rendimiento, ganan mucho más que los funcionarios que realizan las mismas tareas; pero cuando tienen un rendimiento muy bajo, ganan muy poco. Además de que esta situación inequitativa se informa como una fuente de considerable inquietud dentro del servicio, tiene implicaciones que pueden tener un impacto significativo en términos del desempeño de los controles, su independencia y los posibles conflictos de intereses; un alto rendimiento es un desincentivo para intervenir y aplicar medidas correctivas que reducen ese rendimiento, mientras que un rendimiento muy bajo es un incentivo para permitir otras prácticas.

Dadas las circunstancias, y considerando que no existe una capacitación central para los veterinarios autorizados, no se garantiza la calidad, la consistencia y la imparcialidad de los controles, mientras que al mismo tiempo no se puede cumplir con el nivel requerido de supervisión por parte del personal oficial.

En este contexto, debe señalarse que las autoridades polacas cobran tasas de inspección en este ámbito, que son significativamente más bajas que las tasas mínimas establecidas en el Reglamento (CE) nº 882/2004. Esto no solo proporciona una ventaja económica injusta para la industria cárnica polaca, sino que también limita los recursos financieros necesarios disponibles para la Inspección Veterinaria.

La Comisión reconoce que un mayor nivel de ingresos por honorarios ayudaría a abordar los problemas de remuneración y ayudaría a crear condiciones para hacer que el trabajo sea más atractivo para los veterinarios para ocupar los puestos oficiales vacantes. El aumento de los ingresos también permitiría proporcionar una remuneración a los veterinarios autorizados en mataderos de muy bajo rendimiento, lo que mitigaría los conflictos de intereses a ese nivel.

Desde la CE concluyen que mientras "no se aborden los problemas del personal, la sostenibilidad de las acciones propuestas y tomadas hasta la fecha sigue siendo cuestionable".

Finalmente, esta auditoría encontró que las medidas nacionales para los establecimientos de bajo rendimiento están en gran medida en línea con las disposiciones de flexibilidad proporcionadas en la legislación del "paquete de higiene" y, por lo tanto, no hay necesidad de una marca nacional de salud redonda, como se aplica actualmente en Polonia para estos mataderos.

ESTADOS UNIDOS

CHINA levantó inhabilitación sobre carnes bovinas

25 February 2020 China lifted a 19-year import ban on US beef, giving the US farmers much broader access to China's rising market, which is also in accordance with the agreed phase one trade deal signed in January.

The removal of the restriction will also ease supply shortages in China amid the novel coronavirus outbreak, according to experts.

The ban, which previously only allowed US beef from cattle less than 30 months of age to be imported to China, was activated in 2001, according to the General Administration of Customs and the Ministry of Agriculture and Rural Affairs.



Tian Yun, director of the China Society of Macroeconomics Research Center, believes that although the lifting of the ban is part of the agreement in the phase one deal, it will significantly increase the amount of beef supply in China and ease the shortages during the coronavirus outbreak.

"This is the perfect timing to increase imports of US beef as agreed in the phase one deal," Tian said. "It can help with demand that is unmet by domestic production in the coronavirus outbreak, and possibly contain the meat prices."

Due to limited production and prolonged business closures, China's consumer price index in January rose 5.4 percent year-on-year, marking the fastest acceleration in eight years.

Bajas en las cotizaciones a futuro de la hacienda

27 February 2020

US - Cattle futures largely shrugged off the somewhat bullish implications of the latest "Cattle on Feed" report, instead focusing on broader macro events as well as disappointing prices for both cash cattle and wholesale beef, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

Some key factors driving futures action at this time:

The Commitment of Traders report for week ending 21 January showed managed money held a big net long position. The outbreak of Coronavirus in China and rising risks for beef demand have caused many spec funds to quickly pivot and managed money net longs for the week ending 18 February were 30,312 contracts, down from 85,312 contracts on 21 January. It would not be a big stretch to think that the net long position has been reduced further since then, especially following the selloff in equities the past two days.

There has not been much positive (other than the COF report) to underpin fed cattle prices and the result has been a 6 percent to 11 percent decline across the curve. The February contract is down 9 percent compared to 21 January while April and June have lost 11 percent. The declines in the back of the futures curve have not been as significant, in part due to expectations of tighter supplies later this year and hopes that Coronavirus impact may start to fade by then.

Beef supplies have been quite large compared to a year ago, both due to more fed cattle coming to market but also because fed cattle carcasses are running well above year ago levels. Fed cattle slaughter for the week ending 22 February was estimated at 492,000 head, 10.2 percent higher than a year ago (last year weather caused kills to be lower than normal for that week). Since the first week of January, weekly fed cattle has averaged 486,000 head per week, 3.4 percent higher than a year ago.

We think that this week fed cattle slaughter may be as much as 5 percent higher than last year as well. Fed cattle weights are significantly higher than last year. Official USDA data (through 8 February) show steer weights so far this year are up 17.5 pounds or 2 percent compared to a year ago. Heifer weights during this period averaged 9.7 pounds or 1.2 percent higher than the same period a year ago.

The weighted average of steer and heifer carcass weights so far this year is up 1.6 percent and when combined with the 3.4 percent increase in slaughter results in weekly beef production that is about 5 percent higher than the previous year. The increase in beef production has come at a time when supplies of other proteins have been quite large as well. Pork production on a weekly basis has been running around 6 percent higher than last year and broiler production is up similarly as well.

The increase in supply has resulted in lower prices although the price decline has been smaller than would be expected, indicating that beef demand remains in good shape for the moment. The choice beef cutout yesterday was \$207.47/cwt, 5.6 percent lower than last year. Even more importantly, the comprehensive beef cutout (it includes domestic and export sales) was quoted at \$210.86 last week, down only 2.8 percent from a year ago. But futures trade expectations of future demand not what's happening today. The potential spread of Coronavirus in the US has especially negative implications for beef demand. Beef is by far the most important meat protein at foodservice.

Beef has a 99 percent penetration at foodservice and represents 16 percent of total food purchases made by restaurant operators (source NCBA). In China the spread of Coronavirus has resulted in a dramatic decline in restaurant foot traffic and the fear is a similar situation could develop in North America. There are areas in Northern Italy that have turned into ghost towns as people stay indoors for fear of contagion. Again, futures markets are forward looking and they trade daily based on the information available.

It does not help that forward beef sales for delivery +61 days out are running 38 percent lower than a year ago (last four week avg.). Grilling season is around the corner but so is a big pile of protein that we will have to consume here if exports dry up. Tomorrow we'll talk about another source of additional supply - imports. Brazil was recently granted access and Australia/NZ are finding that China buyers have gone into hiding. The US market is in vogue again for imports.

La industria cárnica de EE.UU. y la de Reino Unido firman un memorando de entendimiento

26/02/2020 De cara a la puesta en marcha del brexit



El North American Meat Institute (Meat Institute) anunció la firma de un memorando de entendimiento con la Asociación Británica de Procesadores de Carne (BMPA) buscando poner en marcha normas y regulaciones que beneficien a ambas partes en el comercio bilateral de productos cárnicos y avícolas.

"Los miembros del Instituto de la Carne y la Asociación Británica de Procesadores de Carne comparten muchos objetivos comunes, especialmente con respecto a la seguridad alimentaria, la sostenibilidad, la nutrición y la seguridad de los trabajadores", dijo Bill Westman, Vicepresidente Senior de Asuntos Internacionales del North American Meat Institute.

Según el dirigente, es importante formalizar esta relación, ya beneficiosa, ya que las negociaciones comerciales entre ambos países van a comenzar pronto. "Esperamos trabajar con la Administración y nuestras contrapartes británicas para mejorar el acceso a oportunidades comerciales significativas entre nuestras naciones", dijo.

El acuerdo, firmado por el director ejecutivo de NAMI, Nick Allen, y el consejero delegado de BMPA, Nick Allen, ofrece beneficios para los actos y conferencias educativas que ambas organizaciones preparan.

VARIOS

BOTSWANA Negocian apertura de nuevos mercados.

25 February 2020

Botswana Meat Commission (BMC) is in talks over possible beef export to Russia and the US, in addition to advanced negotiations to export to China.

The BMC sales and marketing manager Mr Tshepo Modise explained this recently, pointing that they were constantly looking to find more export market opportunities for Botswana beef.

The official was briefing a delegation from the UK Commonwealth Parliament Association (CPA), which was in Lobatse to learn about operations at BMC.

"We are currently in dialogue with the People's Republic of China, Russia and the United States to establish protocols to be able to trade to those markets as well," Mr Modise said.

He said BMC at the moment was exporting beef to EU member states, together with Norway, South Africa, Mozambique, Angola and Mauritius.

He added that BMC in 2018 supplied 7 500 tonnes of beef to the EU and 1 600 tonnes to Norway, which remained the commission's most lucrative markets.

However, the official pointed that shortage in the supply of cattle by farmers to BMC was causing its abattoirs to operate below their daily slaughter capacity.

"We closed the Francistown plant a year and half ago to try and increase the capacity percentage in Lobatse because the costs were high, but we were not getting enough profit on both of them," he said.

He said the Lobatse abattoir at the moment operated at around 65 per cent of its 650 cattle per day slaughter capacity.

EMPRESARIAS

Marfrig analiza ingresar a la bolsa em EE.UU.

Fonte: Valor Econômico. This post was last modified on 21 de fevereiro de 2020 12:29

Com mais de 60% do faturamento no mercado americano, a Marfrig Global Foods vislumbra abrir o capital do grupo em uma bolsa nos Estados Unidos. A intenção é aproveitar as vantagens do mercado de capitais dos EUA, com custo de capital mais baixo e avaliação mais atrativa das empresas.

Embora sem um prazo definido, a possível abertura de capital foi abordada pelo empresário Marcos Molina, fundador e controlador da Marfrig, durante a teleconferência com analistas realizada na tarde de ontem. O presidente do conselho de administração afirmou que, se for do interesse dos acionistas, a Marfrig precisa estar pronta para abrir o capital nos Estados Unidos.

A declaração de Molina ocorreu espontaneamente, no encerramento da teleconferência. O empresário também enfatizou as vantagens de listagem de ações no mercado americano. Ele disse acompanhar os incentivos do governo Donald Trump à recompra de ações, bem como o custo de capital mais baixo de empresas listadas nos Estados Unidos.

De acordo com Molina, se o mercado americano avalia melhor as empresas – com múltiplos (relação entre valor empresarial e Ebitda) mais altos -, a Marfrig deve estar preparada para se apropriar dos benefícios. O empresário argumentou, ainda, que as ações de sua companhia estão subavaliadas, considerando os múltiplos de concorrentes. Na B3, a Marfrig vale R\$ 9,8 bilhões.

Para ele, o mercado não "absorveu" as potencialidades da companhia, como a sua presença em carnes processadas. Esse segmento, de melhores margens, já responde por 10% do faturamento da Marfrig. O objetivo do grupo, que é o maior produtor de hambúrguer do mundo, é dobrar essa fatia, acrescentou o executivo Eduardo Miron, CEO da companhia, na teleconferência.



Os caminhos para a abertura de capital da Marfrig nos Estados Unidos ainda não estão definidos, mas a National Beef parece ser o veículo mais apropriado. A empresa, que é a quarta maior indústria de carne dos Estados Unidos, teve o controle comprado pela brasileira em 2018 e, em dezembro do ano passado, a participação da Marfrig na National foi ampliada de 51% para 82%. No ano passado, a controlada americana teve uma receita líquida de US\$ 8,8 bilhões (R\$ 35 bilhões). Ao todo, a Marfrig registrou vendas líquidas de R\$ 49,8 bilhões.

Se avançar mesmo com a abertura de capital, a Marfrig seguirá a JBS, que também trabalha para listar as operações no exterior em uma bolsa americana. Ambas têm a maior parte das vendas nos EUA.

Paralelamente à preparação da companhia para ter ações nos Estados Unidos, a Marfrig quer voltar a distribuir dividendos aos acionistas a partir de 2021. Com os resultados deste ano, ainda não será possível remunerar os acionistas, afirmou Miron. De acordo com o executivo, a companhia deve primeiro compensar os prejuízos acumulados para passar a distribuir dividendos. Em 31 de dezembro de 2019, a Marfrig registrava R\$ 3,1 bilhões em prejuízos acumulados no balanço patrimonial – um pouco abaixo dos R\$ 3,3 bilhões de um ano antes.

A despeito disso, Molina demonstrou confiança na retomada dos pagamentos de dividendos a partir dos resultados de 2021. Nesse sentido, o empresário mencionou suas finanças pessoais. No fim do ano passado, lembrou, ele acompanhou a oferta de ações da Marfrig para manter sua participação e, posteriormente, elevou sua fatia na companhia a 41,9%.

Para isso, no entanto, Molina desembolsou cerca de R\$ 500 milhões. O empresário conseguiu esses recursos junto a bancos, em empréstimos com prazo de carência de dois a três anos e prazo de pagamento de três a cinco anos. A intenção do empresário é pagar os empréstimos com o fluxo futuro de dividendos.

Devido aos constantes prejuízos da última década, a Marfrig não distribuiu dividendos aos acionistas desde 2011. Nos últimos anos, a companhia reorganizou as finanças, vendendo ativos para reduzir as dívidas.

Beyond Meat registrou importante aumento em seus ingressos

Yahoo Finance February 27, 2020 Beyond Meat (BYND) had a plump fourth quarter, but its initial crack at 2020 guidance could use some fattening up to appease the many bulls on Wall Street.

Amid a flurry of new deals with fast giants such as Yum! Brands and strong repeat business by consumers at retailers like Target, Beyond Meat did its job on Thursday evening to justify a more than 50% surge in its stock price this year. Net sales blew away analyst forecasts. Adjusted EBITDA came in at \$9.5 million versus forecasts for \$5.8 million. Good to see one of the crop of buzzy 2019 IPOs (Uber, Lyft and SmileDirectClub) driving operating profits.

Here are Beyond Meat's fourth quarter 2019 results:

4Q Net Sales: \$98.5 million vs. estimates for \$79.8 million

4Q Adjusted EBITDA: \$9.5 million vs. estimates for \$5.8 million

4Q EPS: -\$0.01 vs. estimates for \$0.01

2020 Outlook:

Net Sales: \$490 million to \$510 million vs. estimates for \$485.7 million

Adjusted EBITDA: about \$25.3 million vs. estimates for \$50.2 million

The company notched blistering sales growth in its retail (198%) and food service/restaurant segments (223%). Unclear if analysts will ding Beyond Meat for slowing sales growth at each segment compared to the third quarter.

Beyond Meat founder and CEO Ethan Brown tells Yahoo Finance the quarter was "outstanding." Brown made a point to note that the above consensus EBITDA came despite new entrants into the market offering discounted products. It goes a long way to tempering concerns about near-term competitive activity weighing on the premium Beyond Meat brand.

More mind-blowing stock price gains ahead?

While Wall Street may initially frown upon Beyond Meat's below consensus full-year EBITDA outlook (attributed to investments in R&D and international expansion), the growth rates in the business support aggressive investment to support future profits. That is exactly what Brown is thinking.

"That was a very strategic decision to put that adjusted EBITDA out slightly lower. We would be crazy not to invest in growth right now," Brown says. "There is just so much opportunity right now. We want to make sure we move as fast as we can to open up these markets."

Sounds like reason enough to us to keep the Beyond Meat 2020 rally alive and kicking, even if it temporarily cools down

Cargill lanzará productos a base de vegetales en EE.UU.

Fonte: Valor Econômico. This post was last modified on 27 de fevereiro de 2020 A americana Cargill, maior empresa de agronegócios do mundo, anunciou que lançará em abril diversos produtos à base vegetais



nos Estados Unidos. O plano é vender esses produtos a grandes varejistas, restaurantes, redes de fast food e cafeterias, entre outros canais.

Com o lançamento, a Cargill passará a competir com marcas com empresas como Beyond Meat, da Bunge, e Impossible Foods, e com marcas de proteínas alternativas da Tyson Foods e da Smithfield Foods, do WH Group.

Em nota, a companhia citou a perspectiva de crescimento de 70% do mercado de proteínas animais e alternativas nos próximos 30 anos.

Nos últimos cinco anos, a Cargill investiu US\$ 7 bilhões no desenvolvimento de proteínas animais e proteínas alternativas. O montante inclui aportes em empresas de hambúrgueres vegetais.